

ORGANIZAÇÕES DE
RESISTÊNCIA NEGRA



CADERNO DE EDUCAÇÃO



Projeto de Extensão Pedagógica

**Caderno de
Educação do Ilê Aiyê
Vol. I - Organizações de
Resistência Negra**



Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê

End.: Rua do Curuzu, 233 - Liberdade
CEP: 40365-000 - Salvador - Bahia
Telefax: (071) 241-4969

Diretoria

Antônio Carlos dos Santos Vovô - *Presidente*
Aliomar de Jesus Almeida - *Vice-Presidente*
Hildete Valdevina dos Santos Lima
Elizete Matos dos Santos
Vivaldo Bervindo Santos
Osvalrízio do Espírito Santo
José Carlos dos Santos
Paulo Raimundo Bonfim
Fernando Ferreira de A. Filho
Jônatas Conceição da Silva
Dário da Páscoa
Paulo César da Costa Cerqueira
Wilson Batista Santos
Arany Santana
Edson Tobias de Matos
J. Cunha
Maria de Lourdes Siqueira

Projeto de Extensão Pedagógica

Caderno de Educação do Ilê Aiyê
Vol. 1 - Organizações de Resistência Negra

Coordenação:
Arany Santana
Jônatas Conceição da Silva

Equipe de Apoio:
Samuel Aarão Reis (Assessoria Geral ao Projeto)
Ana Célia da Silva
Jaime Sodré
Lindinalva Barbosa
Maria de Lourdes Siqueira
Valdina Pinto
Adelson Evangelista (Ala de Canto)
Elisângela da Hora Souza - "Danda" - (Ala de Dança)
Rosilene Brito de Oliveira - (Ala de Dança)

Programação e Editoração:
Nelson Araújo Conceição Filho

Capa e Ilustrações:
J. Cunha

SUMÁRIO

Crianças precisam de horizontes.....	5
Organizações Religiosas.....	6
Organizações Quilombolas.....	10
Organizações Político-Associativa e Recreativa.....	16
Ilê Aiyê nos seus 21 anos.....	22
As Canções do Ilê Aiyê.....	26
Referências Bibliográficas.....	32

Em memória de
Eugênia Lúcia Viana Nery



“CRIANÇAS PRECISAM DE HORIZONTES”

(Gilson Nascimento)

Mãe Hilda - Yalorixá do Ilê Axé Jitolu - ao falar na abertura do Primeiro Encontro de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê afirmou que "o Candomblé sempre foi casa de ensinamentos e que esta função agora prossegue com as nossas diversas Escolas".

Ao longo dos seus 21 anos de atividades ininterruptas, o Ilê Aiyê não abriu mão de um "trabalho de auto-estima negra, através do passado ancestral, da análise do cotidiano e do estímulo a um projeto transformador".

Para Antônio Carlos dos Santos Vovô - Presidente da Associação - a Educação no Ilê Aiyê sempre priorizou o patrimônio cultural africano pois só assim é que poderemos formar homens e mulheres plenos de cidadania para exercer o Poder Político neste País. O Ilê Aiyê realiza esta Educação através do seu repertório musical e da consolidação de datas importantes para a nossa História como o *Dia da Mãe Preta*, o *Novembro Azeviche*, a *Festa da Beleza Negra* e outros eventos.

Este primeiro CADERNO DE EDUCAÇÃO do Projeto de Extensão Pedagógica expõe, para Você, sumariamente, algumas das mais importantes organizações negras brasileiras do século dezessete até a fundação do Ilê Aiyê, em 1974. Depende, exclusivamente, da nossa ORGANIZAÇÃO a transformação que queremos operar neste país que teima em nos marginalizar.

A trajetória das nossas organizações nos desafia a avançar-vencer. Nada temos o que temer. Ou melhor, como diz o compositor Gilson Nascimento em "Aos Dezenove Remos": "Avanças tua barca nas águas / Nação Ilê / Não há que temeres subir / As ladeiras desse mar".

Salvador, maio, 1995.

A Coordenação

1995

ILÊ AIYÊ: 21 anos - MAIORIDADE, DIGNIDADE, INTEGRIDADE.
ZUMBI: 300 anos - CONSCIÊNCIA NEGRA, RESISTÊNCIA, PODER.

1. ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS

NÚCLEOS TRADICIONAIS DE RESISTÊNCIA RELIGIOSA NO BRASIL

Ao longo de quatro séculos nosso país recebeu imensos contingentes de africanos, provenientes das mais diversas **etnias** originárias do Continente dos negros, nossa Mãe África. Vinham da África Ocidental e do **Sul da África: sudaneses e bantos.**

Os **sudaneses** eram os **yorubanos**, originários da Nigéria, que foram se estendendo pelos reinos do Dahomé, hoje Benin, até Togo. Juntos constituem o que aqui na Bahia conhecemos hoje como Nagôs, Ketus, Jêjes, Minas, Hauçás, Gruncis, Fulas e Mandingas. De outra parte do Continente Africano vieram povos originários de Angola, Congo e Moçambique. Aqui conhecidos como povos **bantos**: os **congo-angolanos.**

Esses povos africanos que foram trazidos ao Brasil desde o século XVI, e continuam a chegar até o século XIX, agruparam-se em diversas organizações negras, todas de resistência à escravidão, em busca de melhores condições de vida, e pela preservação dos **valores**, da **tradição** e da **cultura**, que vem de suas origens: as **civilizações africanas.**

Das organizações tradicionais criadas pelos povos africanos e seus descendentes no Brasil, destacam-se entre as mais antigas: as Irmandades Religiosas e os Terreiros de Candomblé.



Na base da criação destas organizações estão valores e princípios culturais e religiosos, que sintetizam a diversidade do Continente Africano, através das culturas dos dois pólos africanos, que predominam na formação do povo afro-brasileiro: os Sudaneses e os Bantos. Mas, é possível identificar-se algumas características específicas que marcam a singularidade dos Nagôs, dos Jêjes, dos Angolanos, dos Malês, dos Hauçás, dos Mandingas, dos Minas.

As organizações religiosas têm em comum as entidades espirituais, denominadas Orixás para os Nagôs, Inquices para os Angolanos, e Voduns para os Jêjes.

AS IRMANDADES RELIGIOSAS

As comunidades organizadas de resistência negra no Brasil têm nas Irmandades Religiosas e nos Terreiros de Candomblé referências essenciais à medida que a dimensão de religiosidade dos descendentes de povos africanos no Brasil se constitui, formalmente, a partir desses dois núcleos tradicionais.

A IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS

Os tempos coloniais, com base na escravidão negra, marcaram a sociedade brasileira com problemas dificilmente superáveis. A participação dos ex-escravos, do liberto, e do próprio escravo, em busca de condições mínimas de sobrevivência, tinha como ponto de partida o direito à sua própria liberdade.

É nesse contexto que nascem as Irmandades Religiosas, criadas e desenvolvidas com o objetivo de prestar serviços de natureza social, financeira, hospitalar, educacional e funerária aos seus membros associados pela sua negritude.

A devoção do Rosário foi particularmente praticada pelos negros, inicialmente escravos, e posteriormente, servos e forros. Criada e confirmada em 1685, com o título de "Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos", funcionou inicialmente na antiga Igreja da Sé. Constituída em sua origem de negros bantos, vindos de Angola e do Congo, com o seu desenvolvimento, foi integrada por negros de outras etnias africanas.

Um dos primeiros passos de independência da irmandade foi solicitar ao Rei de Portugal a liberação de um terreno, onde construíram com sua própria mão de obra, e recursos adquiridos com trabalho e suor dos próprios negros, um espaço de liberdade, para reunirem-se livremente sem a fiscalização direta do Clero, como acontecia quando estiveram abrigados na Igreja da Sé.

Foi concedido alvará em 14 de abril de 1696, doando o terreno, onde hoje se encontra construída a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Pelourinho, cuja posse oficial se concretizou através de Provisão Régia de 27 de janeiro de 1724.

Outro ato de resistência configura-se quando imediatamente após a doação do terreno para a construção da igreja, a Irmandade do Santíssimo Sacramento do Passo, uma das mais poderosas da época, tenta se apossar dessa tão importante conquista dos negros. Eles reagem recorrendo ao Rei de Portugal, sede da Colônia que era o Brasil naquele tempo, e conseguiram mais um ganho em suas lutas, com a confirmação da posse do terreno da igreja, em 27 de janeiro de 1726. Esse ato estabelece em definitivo a organização, que se iniciará sob a denominação de “Devoção do Rosário dos Pretos da Porta do Carmo”.

Além do objetivo explícito de reunião, agrupamento, organização dos negros entre si, congregando escravos, forros e livres, a entidade era considerada na época de sua criação - “um canal de ascensão social do negro, pois a imagem do “bom procedimento” dos seus membros, implicava, conseqüentemente, na valorização profissional e qualificação social no sistema escravocrata”.

Hoje, a Irmandade mantém-se dinâmica, cumprindo suas finalidades, com um trabalho sócio-cultural-religioso adequado ao seu tempo, e ao momento histórico que se aproxima do 3º milênio com o século XXI.

A RESISTÊNCIA DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ

A proeminência social e cultural dos povos de origem Yorubá, que aqui desembarcaram quase no final da escravidão, na segunda metade do século XIX, cria condições para o surgimento dos primeiros **Terreiros de Candomblé**, por volta de 1830, segundo as fontes que se tem notícias.

Estes centros religiosos se estruturam em torno do culto às entidades místico-religiosas: **orixás, voduns e inquices**. Há uma unidade em torno de um **Deus Supremo** - constituído por uma Trindade, exercendo cada um, sua ação específica, criação do homem, da natureza e das relações entre Deus, os homens e o Cosmos.

Obatalá, Olorum e Odudua representam o céu, a terra e a criação. O poder da **sabedoria** e do dom do **conhecimento**, constituem o domínio de **Ifá**, cujo oráculo detém os segredos da Adivinhação sobre a **vida**. Para estabelecer a ligação entre o **ser supremo** e os **seres humanos**, foi confiada aos **Orixás** a missão de **intermediários**, dotados de função **social, cósmica e espiritual**, que segundo o dom de cada um, ajudam a rever o mundo, com o equilíbrio necessário para que tudo esteja em **harmonia**. Esta **harmonia** no mundo se concretiza, no âmbito das comunidades religiosas, através do desenvolvimento e fortificação de um poder imaterial, que emana da **ancestralidade africana**, e é uma **força vital** denominada **Axé**. O primeiro **Axé** chega ao Brasil com africanos que empreenderam viagem à África com objetivo de preparar-se para aqui fundar as primeiras casas de Candomblé. Esse poder e essa força crescem e se desenvolvem segundo dom, natureza e conduta individuais, exercidos e ampliados, no âmbito da vivência Comunitária; e transformam-se em **vida, saúde, prosperidade, alegria, coragem**, para aqueles que assumem com **fé, confiança e sinceridade** a ligação dos orixás.

As Comunidades Religiosas afro-brasileiras são conhecidas como **Terreiros de Candomblé**. Candomblé antigamente significava as grandes festas anuais da Religião Negra. As

denominações religiosas dos descendentes dos povos africanos mais conhecidas são:

Candomblés de Orixás, Candomblés de Voduns, Candomblés de Caboclos, Candomblés de Babá-Eguns ou Egunguns na Bahia; Xangôs de Recife em Pernambuco; Batuque no Pará e Rio Grande do Sul; Tambor de Minas no Maranhão; Babaçuê no Amazonas; além dos Templos de Umbanda, dinamizados em todo o país, principalmente no Rio de Janeiro, organizados pela Federação Umbandista.

Entre esta diversidade de organizações e cultos, transitam livremente Jêjes, Nagôs, Ketus, Minas e Angolas permeados em algumas expressões religiosas pela influência da cultura indígena, originária do País.

É assim que os Candomblés de **Orixás** são predominantemente de **Ketu e Nagô**, entre os quais se reforçam, mais acentuadamente, as tradições das cidades Yorubanas de **Ketu** e de **Oyó**.

Os Candomblés de **Voduns** acentuam a cultura, os valores e a tradição **Jêjes**, que correspondem ao Reino do Dahomé (que por sua vez, vivem em seu próprio território, ao lado de grandes representantes do povo Iorubá, originários da Nigéria). Por razões históricas os Jêjes deixam suas terras, espalhando-se pelo Dahomé, hoje Benin, indo até o Togo, e ao Ghana. São considerados representantes dos Candomblés de **Voduns** os descendentes do povo FON, aqui genericamente denominados **Jêjes**.

Os Candomblés de **Angola**, remanescentes e representantes do povo **Banto**, cultuam os **Inquices**, que correspondem as tradições do **Sul da África**, onde têm origem. A cultura religiosa dos **Congo-angolanos** guarda fortes traços característicos de herança africana com a qual se identificam.

Os Candomblés de **Caboclos** representam a soma de influência religiosa **Ameríndia**, com marcas da diversidade étnico-cultural afro-brasileira. Os Candomblés de Orixás, Voduns e Inquices homenageiam em seus calendários rituais o **indígena brasileiro**, realizando em seus templos as tradicionais **Festas de Caboclo**.

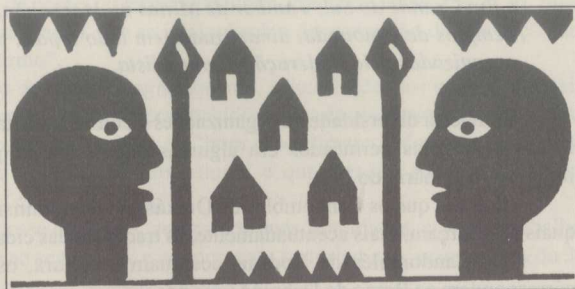
Os Candomblés de **Babá-Eguns** são cultos prestados aos espíritos de **personalidades ilustres**, que se transformaram **Ancestrais**, após sua passagem deste mundo ao outro, do **Aiyê** ao **Orun**.

Em todos estes seguimentos denominados **Candomblés** há pontos fortes, em comum, que estabelecem a vinculação entre a necessidade de **preservação da herança cultural e religiosa africana no Brasil e as lutas do povo negro no Brasil. Resistindo à opressão, à dominação e à exclusão, essa resistência é uma busca permanente de espaço e de valorização da especificidade negra, constituente majoritária da cultura nacional.**

2. ORGANIZAÇÕES QUILOMBOLAS

A RESISTÊNCIA QUILOMBOLA

Quilombo é um termo da língua banto que quer dizer “acompanhamento guerreiro na floresta”, sendo entendido em Angola como divisão administrativa.



Os quilombos angolanos tinham um tipo de organização nem vertical nem horizontal, mas transverso ou seja, existia uma forma de poder eminentemente tirânico ao mesmo tempo que democrático, baseado nas relações de linguagem africana ou parentesco. Os quilombos de Palmares possuíam esse tipo de organização política.

O quilombo, no Brasil, toma uma feição política, social e ideológica. É inegável o caráter de reação dos negros quilombolas ao regime escravagista que domina toda a atividade produtiva brasileira em três séculos. Nesse sentido, a liberdade é uma das motivações para que os escravos procurem os quilombos.

No entanto houve outras formas de resistência, como suicídio de escravos e o assassinato de senhores. Mas, a fuga foi mais difundida, assim como a compra da alforria, tarefa desenvolvida pelas relações mútuas de irmandade.

A historiografia especializada entretanto, contenta-se em marcar a capacidade de luta e resistência dos negros envolvidos nos quilombos e em ampliá-la através dos tempos. Daí a generalização do termo **quilombo** para indicar variadas manifestações de resistência, generalização permeada pela postura ideológica dos pesquisadores.

ORIGEM DO QUILOMBO NA ÁFRICA

Os bantos criaram o termo **quilombo**, o que, entretanto, não significa que outros povos como os nagôs tenham também, a partir das inter-relações étnicas, constituído esse tipo de organização.

Os quilombos bantos partem da região da bacia do Congo, ainda antes da queda do Reino do Ndongo. No século XVII, essa forma de sistema social de linhagem era muito difundida entre o povo mbundu.

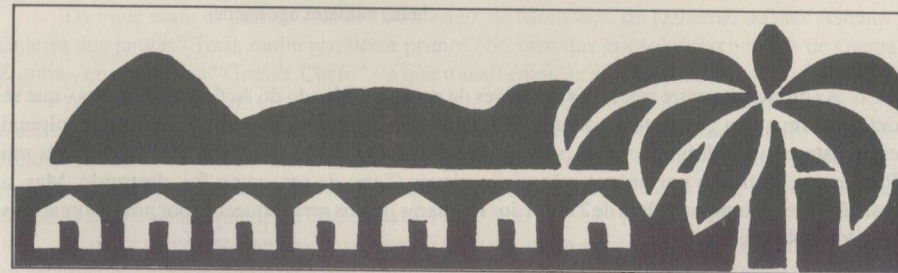
“Segundo a tradição oral, um caçador vindo do Este, chamado N’gola, invadiu o território e impôs aos Mbundus um regime monárquico de governo. Assim quando os portugueses chegaram à Angola encontraram um pequeno Reino Mbundu em formação chamado Ndongo, cujo Rei era N’gola, nome que os portugueses derivaram de toda região ao Sul do Congo, ou seja Angola.”

Uma hipótese a ser levantada, é que o quilombo se origina nesta tradição mbunda e que no início da colonização foram transferidas para o Brasil linhagens, famílias e etnias diversas que aqui puderam reproduzir, com dificuldades imensas, é claro, a sua vivência africana.

Isto é notório no Quilombo dos Palmares que, na constituição de seu processo político e social, assemelha-se ao dos mbundus. Pode-se inferir que o Quilombo dos Palmares era constituído dos povos angolas e jangas.

O QUILOMBO DOS PALMARES

As primeiras notícias de quilombo na capitania de Pernambuco datam de 1559 e Palmares, em 1606, já estava em formação. Na língua dos quimbundos, o nome também é N’gola Janga, dando a impressão de que os povos jangas e os angolas formaram um só reino no Brasil, de acordo com o que estava acontecendo na África. Os componentes do Quilombo dos Palmares devem ter tido, no exílio forçado, a mesma experiência de luta que os ndongos e os jangas.



ANGOLA JANGA

Numa noite qualquer do ano 1597, 40 (quarenta) escravos fugiram de um engenho no sul de Pernambuco. Fato corriqueiro. Escravos fugiam o tempo todo de todos os engenhos. O número é que parecia excessivo: 40 (quarenta) de uma só vez.

Não foi fácil a vida dos primeiros palmarinos. De onde estavam podiam ver perfeitamente quem viesse dos quatro cantos; com boa vista se podia mesmo vislumbrar o mar, além das lagoas.

A terra vermelho-escura, esboroava ao aperto da mão. Ouviam águas correndo sobre pedras. E havia palmeiras, muitas palmeiras.

Em 1630, Palmares já era três aldeias no cocuruto da serra majestosa e azul à distância. A serra se chama, até hoje, da Barriga. Seus moradores chamavam as três aldeias de ANGOLA JANGA, que quer dizer em quimbundo, “Angola Pequena”.

Ai por 1640, viveriam já, nos Palmares Grandes e nos Pequenos, quase dez mil quilombolas. Não eram só negros fugidos, havia um número indefinido de índios e muitos brancos.

Palmares estava situado na borda do mundo do açúcar. Distava, em média, uns oitocentos quilômetros do cordão litorâneo de engenhos - os burgos de Serinhaém, Penedo, Porto Calvo e Alagoas, atual Maceió. O mundo do açúcar e Palmares eram como duas nações vizinhas - e inimigas. Na verdade, não duas nações completas, mas embriões de nações. Eis aqui os primeiros contrastes entre o mundo do açúcar e Palmares:

Mundo do Açúcar

(da escravidão)

- Monocultura da cana
- Escassez de alimentos
- Produção para venda no mercado externo
- A terra era a base da riqueza
- Sociedade dividida em classes e grande desnível social

Palmares

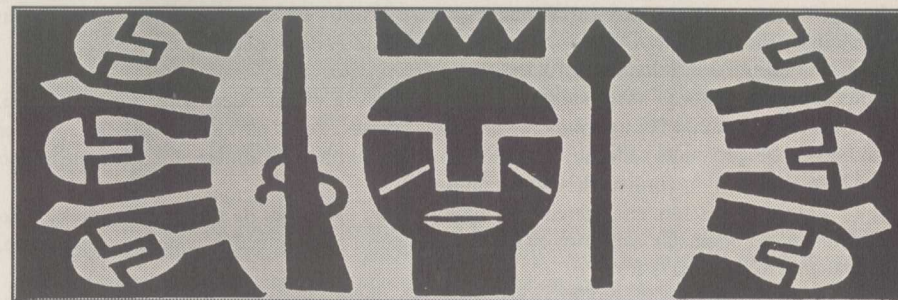
- Variedades de culturas agrícolas
- Abundância de alimentos
- Produção para consumo interno
- A terra só tem valor pela utilidade
- A sociedade não dividida em classe, sem desníveis sociais (apesar de certos privilégios concedidos aos chefes militares e políticos)

As diferenças entre estes dois embriões de nação - o Mundo do Açúcar e Palmares - que se defrontaram numa guerra total, durante 100 anos, não acabam aí, porém. A sociedade colonial escravista era por definição, uma sociedade racista. O projeto de nação que se esboçou em Palmares, construído por negros, não podia vingar. Teria de ser, como foi, destruído. Mas, a resistência e o exemplo de luta de Zumbi dos Palmares jamais será esquecido por nós - palmarinos - quilombolas de hoje.

ZUMBI DOS PALMARES (Esboço de uma biografia)

Zumbi nasceu livre em qualquer ponto dos Palmares em 1655. Talvez no começo do ano quando a água nas cisternas é pesada e morna; talvez no meio ou mesmo no fim, quando o chão está coberto de buritis podres.

“Um dia se saberá bastante sobre ele”, afirma o historiador negro Joel Rufino dos Santos,



no seu livro ZUMBI. Milhares de documentos amarelos, difíceis de ler, guardam a história do negro pequeno e magro que venceu mais batalhas do que todos os generais juntos da História Brasileira. Esses papéis dormem em Évora, na Ajuda, em Lisboa, Recife e Maceió, aguardando estudos pacientes.

De onde eram os pais de Zumbi? Do Congo, de Mombaça, do Dahomé, do país Ashanti, da terra dos jangas? Teria mulheres, tios e primos? Se sabe que era sobrinho adotivo de Ganga Zumba - que significa “Grande Chefe” - e que transformou as aldeias palmarinas num Estado.

A história de Zumbi começou quando um tal de Brás da Rocha atacou Palmares em 1655 e carregou, entre presas adultas, um recém-nascido. Brás o entregou, honestamente, como do contrato, ao chefe de uma coluna, e este decidiu fazer um presente ao cura (vigário) de Porto Calvo, pequena cidade que formava o cordão litorâneo de engenhos da antiga capital de Pernambuco da época. O padre achou que devia chamá-lo de Francisco.

Francisco era inteligentíssimo. Estudou religião, latim e português. Numa noite de 1670, ao completar 15 anos, Francisco fugiu para Palmares. Se chamava agora Zumbi. Francisco retornando a Palmares, onde nasceu em 1655, com 15 anos, passou a se chamar Zumbi. E constituiu, livremente a sua família - um pai, irmãos, tias e tios. O principal destes se chamava Ganga Zumba.

Ganga Zumba que chegou a Palmares no tempo da invasão holandesa, em 1624, era, ao contrário de Zumbi, um africano alto e musculoso. Tinha, provavelmente, temperamento suave e habilidades artísticas - como em geral, os nativos de Allada, nação fundada pelo povo ewe, na Costa dos Escravos.

Em 1670, quando Zumbi voltou, Palmares eram dezenas de povoados, cobrindo mais de seis mil quilômetros quadrados: Macaco, na Serra da Barriga (oito mil moradores); Subupira, nas

fraldas da Serra da Juçara; Amaro, perto de Serinhaém (cinco mil moradores); Osenga, próximo do Macaco; aquele que mais tarde se chamou Zumbi, nas cercanias do Porto Calvo; Acotirene, ao norte de Zumbi; Tabocas; Dambrabanga; Andalaquituche, na Serra do Cafuxi; Gongoro, Cucaú, Guiloange, Catingas, Engana-Colomin... Quase trinta mil viventes, no total. Ganga Zumba reinava sobre todos eles.

De que maneira Zumbi se tornou sobrinho de Ganga Zumba, isto é, maioral, chefe, do povoado mais perto de Porto Calvo? Zumbi mal completara 17 anos. A instrução que lhe dera o Padre Melo, o prestígio que vinha de saber "coisas de branco", uma inteligência rápida e abrangente, um corpo vigoroso - ainda que pequeno e enxuto - e a vontade de ferro - talvez foram as matérias-primas que transformaram Francisco em Zumbi dos Palmares.

Foi Zumbi dos Palmares um caso extremo de resistência ao sistema.

Zumbi se pareceu aos grandes generais da História - Ciro, Alexandre, Aníbal, Chaka, Sundjata Keita, a rainha Nzinga Samore - em muitas coisas. Como para a maioria deles, o poder máximo lhe chegou muito cedo, aos 23 anos. Como eles Zumbi dos Palmares foi por muito tempo - até hoje no Brasil - recordista de vitórias militares.

Zumbi, entretanto, era diferente de muitos desses campeões da guerra numa coisa: não combateu para conquistar territórios ou glórias. Os negros aquilombados, sobre o seu comando, combatiam em legítima defesa.

As autoridades, os fazendeiros e seus paus-mandados não davam trégua a negros fugidos. Percorrer as brenhas atrás de caça humana era, mesmo, rendosa profissão. O índio e o negro fugidos esperavam que um dia, eles chegassem.

Por vezes os caçadores de escravos faziam propostas: voltassem aos seus donos por bem, ficava prometido suspender os castigos e as torturas, as crianças nascidas na liberdade dos matos livres ficariam, etc. Tudo mentira. A História guarda alguns casos de acordos dessa natureza entre quilombolas e escravistas - como foi por exemplo, a paz de 1678, entre Ganga Zumba e o Governo de Pernambuco.

Para aceitar um acordo com seus algozes, e acreditar nas suas promessas, o quilombola precisava ter alguma ilusão sobre o funcionamento do sistema escravista - acreditar, por exemplo, que houvesse senhores maus e bons. Era preciso, também que tivesse chegado ao limite de sua resistência.

Zumbi dos Palmares não era absolutamente ingênuo: conhecia o mundo do açúcar. Além disso, naquele ano em que se sentou no lugar de Ganga Zumba, o inimigo é que lhe parecia acuado: Palmares continuaria na ofensiva.

A paz de Ganga Zumba e Dom Pedro de Almeida, Governador da Capitania de Pernambuco, não durou dois anos. Os interesses dos palmarinos e dos pernambucanos eram irreconciliáveis. Ganga Zumba acabou envenenado por adeptos de Zumbi. Os sobreviventes da triste experiência feita por Ganga Zumba foram reescravizados. A guerra total crepitou em toda Zona da Mata nordestina, sem cessar durante os quinze anos seguintes.

Zumbi recusou todas as propostas enganosas de paz dos escravistas.

Ele parecia condenado àquela espécie de vitória sonhada pelos grandes generais da história.

Em novembro de 1688, chegou em Recife, contratado pelo Governo Colonial para acabar

com Palmares, Domingos Jorge Velho. Este bandeirante assassino de negros e de índios fez as seguintes exigências para combater Zumbi: ele e seus oficiais receberiam sesmarias em Palmares, a única condição de ocupá-las e povoá-las; receberiam 4 hábitos das três ordens religiosas de Portugal; seriam deles todos os negros capturados, os quais serviriam como pagamento de imposto ao Rei e ao Governador; anistia prévia para todos os seus crimes; cem mil réis em dinheiro vivo para ele próprio; entre outros pedidos. Faltavam poucos dias para o natal de 1691, quando Domingos Jorge Velho avistou pela primeira vez a Serra da Barriga.

Depois de ser derrotado em diversos ataques, Domingos Jorge Velho mandou buscar reforço em Recife. Vieram cerca de 200 homens e 6 canhões. Apenas assim, e com a construção de uma nova contracerca, ele pode derrubar as muralhas palmarinas e penetrar no quilombo.

Zumbi dos Palmares estava mais uma vez encurralado e com uma única chance de escapar. Até quando teria de jogar aquele jogo sem fim? Há pelo menos 25 anos, ele, pessoalmente, ganhava e perdia batalhas. A guerra tinha no entanto cem anos - desde que aquele punhado de negros incendiou a fazenda do amo, no sul de Pernambuco, em 1597, e se abrigou na Serra, fundando Palmares.

Zumbi juntou os comandantes e oficiais.

Possivelmente, então, lhes confessou o fracasso do plano que urdira: atrair o exército colonial em peso para uma grande batalha às portas da capital e massacrá-lo. Se perdesse, os sobreviventes poderiam recomeçar noutra lugar - eles seriam o novo Palmares. Se vencesse o governo Colonial ficaria de tal forma fraco e desmoralizado que aceitaria Palmares como nação soberana. Em qualquer dos casos, Palmares viveria.

Zumbi, que se postara na retaguarda da coluna de guerrilheiros que deixou Palmares na madrugada de 06 de fevereiro de 1694, escapou com vida. Tinha naquele momento, apenas 35 anos. Há 18, andava coxo, de um balaço que recebera em combate e foi atingido aquela madrugada por duas pelouradas. Não era muito para quem combatia há 25 anos.

Antes de completar um ano da queda de Palmares, Zumbi invadiu a vila de Penedo atrás de armas. Dois mil quilombolas sobreviventes continuavam a combater na região. Só os muitos tolos acreditavam que a destruição da Cerca Real do Macaco, a capital do Quilombo, fosse o fim de Palmares.

Zumbi dos Palmares vencera dezenas de batalhas aplicando, com engenho, as regras da guerra do mato. A única vez que buscou combate frontal, em posição fixa, fracassara. Perdera, talvez, para sempre o domínio da Serra da Barriga, onde começava a se estabelecer agora - entre brigas e equívocos - o bando de assassinos vencedores: bandeirantes, comandantes militares e aristocratas de Pernambuco e Alagoas.

Com poucos homens para a luta, Zumbi voltou à guerrilha. Um dos bandos ficou sob a chefia de Antônio Soares. Este foi emboscado perto de Penedo e enviado sob forte guarda para o Recife. Depois de sofrer muita tortura e de ter garantia de vida e liberdade, se falasse onde era o esconderijo de Zumbi, ele cooperou com o bandeirante André Furtado. Zumbi confiava em Antônio Soares, e quando este lhe meteu a faca na barriga se preparava para um abraço. Seus olhos devem ter brilhado, então, de estupor e desalento. Seis guerrilheiros apenas estavam com ele. Cinco foram mortos pela fuzilaria que irrompeu dos matos em volta. Zumbi, sozinho, matou um e feriu vários. Foi isso nas brenhas da Serra Dois Irmãos, por volta de cinco horas da manhã de 20 de novembro de 1695.

Valeu, Zumbi!

3. ORGANIZAÇÕES POLÍTICO-ASSOCIATIVA E RECREATIVA

SOCIEDADE PROTETORA DOS DESVALIDOS - SPD(1832)

Situada na Praça Anchieta, nº 17, Terreiro de Jesus, há 162 anos a S.P.D. funciona no mesmo local. Fundada em 16 de setembro de 1832, por Manoel Victor Serra, africano livre, profissão de ganhador no Canto da Preguiça, local onde se reuniam os negros da Bahia em busca de trabalho, a S.P.D. tinha como finalidade principal dar uma carta de alforria e proteção aos irmãos de cor. Nos seus primeiros dias de funcionamento a S.P.D. era como Junta, uma espécie de sistema rotativo de crédito com que assistia os seus associados e parentes destes que ainda se encontravam presos no cativeiro. Portanto, foi com o intuito de lutar contra a estrutura social vigente, que um grupo de negros libertos se organizou e no dia 16 de setembro foi criada definitivamente a Irmandade de Nossa Senhora da Soledade, em honra à sua padroeira a Virgem da Soledade. A grande preocupação do grupo naquele momento e que perdurou por algum tempo, era onde e com quem ficaria o cofre. Afinal de contas, era uma caixa forte onde os associados depositariam valores para futuras compras de cartas de alforria. Finalmente, em assembléia ficaria decidido que este ficaria sob a guarda do Pe. Joaquim José de Santana, a três chaves, achando-se uma em mãos do Juiz Manoel Victor Serra, outra na mão do escrivão Luiz Teixeira Gomes e a terceira do Procurador Geral José do Nascimento.

Vale aqui registrar aqueles que em 1832 fundaram a S.P.D.:

- Manoel Victor Serra (Juiz Fundador) - Ganhador
- Manoel da Conceição (Tesoureiro) - Marceneiro
- Luiz Teixeira Gomes (Escrivão Definido) - Pedreiro
- José do Nascimento (Procurador Geral)
- Gregório M. Bahia (Procurador Geral) - Marceneiro
- Ignácio de Jesus
- Bernardino S. de Souza (Marceneiro)
- Pedro P. de Farias - (Marceneiro)
- Gregório do Nascimento - (Carroceiro)
- Balthazar dos Reis - (Marceneiro)
- José Maná Vitella
- Manoel S. C. Roza - (Marceneiro)
- Barnabé A. dos Santos
- Theotônio de Souza - (Vinagreiro)
- Francisco José Pepino - (Calafetador)
- Daniel Correia - (Negro de ganho do Canto do Pilar)
- Roberto Tavares - (Carregador de Água)
- José Fernandes do Ó - (Vendedor de toucinho)
- Manoel Martins - Trabalhador do Porto da Lenha

Destacamos, a seguir, algumas cláusulas do parágrafo 33 que nortearam os primeiros dias da organização, discutidos e aprovados em reunião do dia 16 de setembro:

- "Essa instituição será composta de nº ilimitado de sócios, que seja exclusivamente da cor preta.
- Ficaria eternamente eliminado qualquer irmão mesário que desse desfalque nas alfaías da Irmandade.
- Ficarão expressamente proibida à mesa revelar a amigo ou parente, o que se tratasse nas reuniões.
- O irmão mesário que faltasse a reunião mensal dessa devoção seria multado na importância de 320 réis".

Com a abolição da escravatura em 1888, a S.P.D. passou por mudanças estruturais a fim de atender as novas necessidades do ex-escravo, sem nenhum preparo para enfrentar uma sociedade de *classes* que se formava, onde o negro seria ainda, por muito tempo, submetido às pressões de classes dominantes.

No estatuto que regia a Sociedade Protetora dos Desvalidos de 1874 a assistência era restrita apenas aos seus associados e parentes destes. Depois da abolição os problemas com a nova população liberta aumentaram e a S.P.D. foi forçada a prestar assistência em diversos níveis a estes não associados.

Só bem mais tarde, em 1956, é que a Sociedade elabora o seu novo estatuto com alterações significativas, alargando a assistência social e incluindo, a assistência educacional, técnica, médico-dentária ao associado e à sua família, e o mais importante o atendimento ao *não associado* que, "reconhecidamente necessitado venha a recorrer auxílio a esta Sociedade". Importante também no novo Estatuto é a abertura para a inclusão de sócios *não negros* no quadro da S.P.D. Contudo a Sociedade ainda mantém o seu quadro com pessoas da cor negra, guardando assim a tradição do século passado.

Como as Irmandades e outras sociedades que existiram na Bahia do século XVII ao século XIX, a Sociedade Protetora dos Desvalidos também foi uma agência de prestígio.

FRENTE NEGRA BRASILEIRA (1931)

Em 16 de setembro de 1931 foi fundada uma das mais poderosas organizações políticas deste século - **A Frente Negra Brasileira**.

Surgiu em São Paulo e proliferou-se pelo interior, estendendo-se pela Bahia, Maranhão, Rio de Janeiro, Sergipe, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.



A Frente Negra mobilizou mais de 200 mil militantes e o mais importante foi o fato da Frente ter atraído um alto contingente de mulheres (empregadas domésticas) e crianças. Enfim, foi um movimento que abarcava a classe trabalhadora e homens desempregados discriminados pelo mercado de trabalho, que naquele momento só absorvia o trabalhador branco europeu. O país atravessava forte crise econômica o que propiciou um clima de revolta e tensão.

FRENTE NEGRA DA BAHIA

Um ano depois da fundação da Frente Negra de São Paulo, surge a Frente Negra da Bahia, em 16 de setembro, criada por Marcus Rodrigues dos Santos, baiano de Santo Antônio de Jesus, depois de ter sido sapateiro, adjunto de conferente das docas, fiscal de estradas de rodagem em São Paulo e professor do Mosteiro de São Bento em Santos. Com vasta experiência de vida Marcus de volta à Bahia funda a Frente Negra nos moldes da Frente Negra de São Paulo, com os seguintes objetivos:

1. Levantamento moral da raça
2. Alfabetização do povo negro
3. Reconstrução da família
4. Formação da elite da mulher negra
5. Trabalho

Em janeiro de 1933, instala-se definitivamente na Rua da Ajuda, nº 12, a sede da Frente Negra, iniciando, dessa forma, as suas atividades. Cursos de alfabetização, cursos de música, datilografia e línguas, com centenas de negros ávidos por aprender.

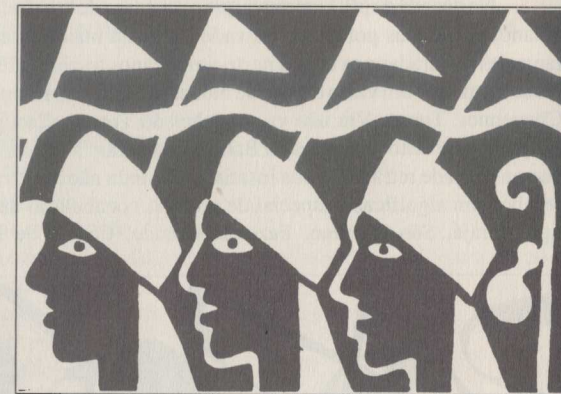
Enquanto em São Paulo a Frente era sustentada pelos frentenegrinos com a quantia de um mil réis por mês, na Bahia o fundo de sustentação das atividades era conseguido com festas beneficentes e atividades culturais.

A Frente Negra ao se transformar em Partido Político não conseguiu seu intento, pois com o golpe militar de Getúlio Vargas ela foi destruída junto com os demais partidos existentes na época.

Apesar da sua curta trajetória, a Frente Negra segundo Thales de Azevedo foi a única organização até a década de trinta que tinha a finalidade expressa na defesa das *peças de cor contra os preconceitos raciais*.

FILHOS DE GANDHI (1949)

Segundo alguns especialistas, os afoxés são reminiscências dos antigos desfiles dos Reis Congos, meio pelo qual os negros africanos podiam participar, do lado de fora, das festas católicas do Brasil no período colonial, já que a prática do culto africano era severamente proibida. Mais tarde, a Igreja católica passou a repudiar essas comemorações nas suas festas, transferindo-as para o período carnavalesco. Desvinculados das festas religiosas da Igreja católica, os afoxés se tornaram bem mais



africanos e nos fins do século XIX já eram muitos e chegaram a incomodar a racista sociedade baiana. Os afoxés (principalmente os que antecederam os Filhos de Gandhi), já nasceram ligados a terreiros de Candomblé e os seus músicos eram "alabês" - tocadores de atabaques nos terreiros.

O **Africano Ideal** foi fundado por Aniceto (pai de mãe Hilda). O doqueiro José do Gude do Candomblé do Bate Folha e o Chininha depois do Carnaval colocavam o estandarte do afoxé exposto no "Armazém Brasileiro", na feirinha da Liberdade para que todos vissem, segundo o depoimento de Mãe Hilda. **Lordes Africanos**, chefiado pelo babalorixá Manoelzinho de Oxossi do Pau Miúdo, entre outros, são exemplos de afoxés que existiram aqui em Salvador.

Em 1929 os afoxés desapareceram do cenário carnavalesco. Há quem afirme que a polícia baiana proíbe a saída dos afoxés no Carnaval, pois estes feriam os ouvidos da conservadora sociedade baiana.

Em 1949, surge em Salvador o Afoxé Filhos de Gandhi, coincidentemente no mesmo ano do surgimento do Trio Elétrico de Dodô e Osmar. O surgimento do Afoxé ocorreu dois meses após o assassinato do *pacifista* indiano MAHTMA GANDHI, grande opositor ao domínio colonialista Inglês na Índia. Contam os mais velhos que em seu primeiro ano do carnaval, o Gandhi desfilou à força em meio a tumultos. É que havia navios ingleses no cais de Salvador e as autoridades baianas queriam impedir a apresentação do Afoxé no carnaval, vendo naquela homenagem Afro uma agressão ao Reino Unido e mais ainda, um Afoxé fundado por pessoas ligadas ao Sindicato dos Trabalhadores das Docas. O camelo é o animal símbolo adotado pelos Filhos de Gandhi. A adoção do camelo pelo Afoxé se dá pela associação entre o animal e o Oriente. Pouco se sabe realmente sobre a história do Afoxé Filhos de Gandhi, contudo muitas versões são contadas pelos antigos participantes. A verdade que o afoxé dos lençóis brancos, inspirados na indumentária indiana, sob o ritmo e a dança afro, nada mais é dentro do carnaval do que aquilo que Mahtma Gandhi pregou - a paz.

APACHES DO TORORÓ (1968)

Na década de 60, bem antes que o processo de “reafricanização” tomasse conta do carnaval baiano, as pessoas pobres de Salvador, em sua maioria negra, brincavam seus carnavais com fantasias inspiradas nos índios norte-americanos trazidos até nós através dos filmes. A partir daí, foi se formando um vasto elenco de blocos de índios tais como: Navajos, Sioux, Peles Vermelhas, Cheyennes, Tupys, Viu não vá, Apaches do Tororó, Cacique do Garcia, Comanches e outros. Naquele momento os negros da Bahia entenderam a sua identidade através da figura do índio, o que na verdade retratava a sua insatisfação ainda não muito clara. Naquela época a palavra índio recebeu um significado especial de gíria no vocabulário da “classe média” baiana. Expressões tipo: Pirajá, São Caetano, Fazenda Grande, Cosme de Farias, Liberdade e outros bairros



periféricos serem denominados como “terra de índio”, nesse contexto significava não civilizado, arruaceiro, temido. A equivalência foi criada: índio temido do oeste americano - negro temido dos bairros proletários.

Assim sendo, as “tribos” baianas fizeram valer tal significado, infernizando e fazendo arruaças nos carnavais, a ponto da polícia baixar decreto reduzindo o número de componentes destes blocos para melhor serem controlados.

Sintomaticamente, na primeira metade da década de setenta, essa violência vai-se reduzindo à medida que a consciência de negritude vai tomando corpo, principalmente com o ressurgimento do Afoxé Filhos de Gandhi e da fundação do Bloco Afro Ilê Aiyê.

Destacamos dentre os blocos de índios o nosso co-irmão “Apaches do Tororó”, fundado em 1968 por Antônio Belmiro, Edvaldo Góes, Nelson Rufino, Agildo, Inácio, Ederaldo Gentil, Nilcéia Campelo entre outros, e a incansável Dona Constança, responsável pelo corte e costura das fantasias.

A turma que hoje faz o Ilê Aiyê, participou da fase áurea dos Apaches não só como folião como também dos ensaios da quadra, aos domingos, *principal espaço de concentração da população negra da época*. Inesquecíveis para nós a inconfundível bateria e o seu canto arrepiante:

“APACHES DO TORORÓ”

(Nelson Rufino)

*Mas esse ano eu vou ficar
Ao ver passar
O bloco meu
Quero sentir a sensação
De fora do cordão
Mas se eu não suportar
A empolgação
Vou apanhar meu blusão
Do ano passado
Do outro lado cantando eu vou*

*Ô ô ô ô
Ô ô ô ô
Apaches tem
Uma coisa diferente
Uma coisa que a gente
Sente e não sabe o que sente
Sente e não sabe dizer
O Apaches tem
O amor do desfilar
E quem não segura os olhos
É bem capaz de chorar*



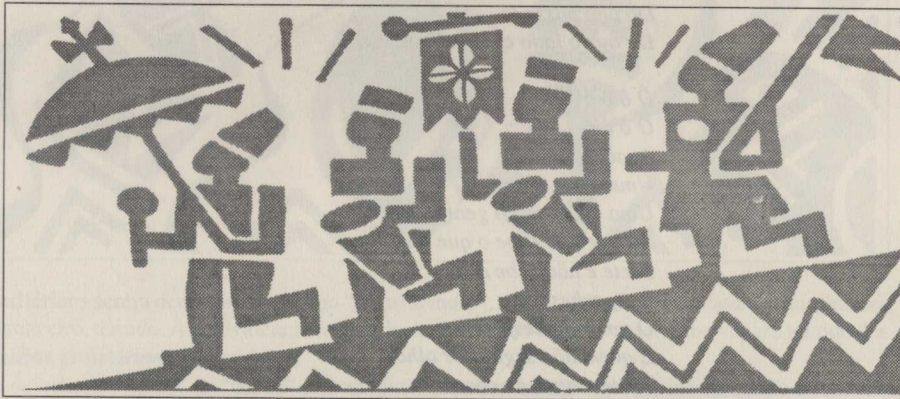
4. ILÊ AIYÊ NOS SEUS 21 ANOS

O percurso dos vinte e um anos do Ilê tem demonstrado que a proposta de “jovens negros do Curuzu entribados na Zorra”, segue o ritmo de muitas organizações negras que o processo histórico brasileiro vivenciou.

Nos seus vinte e um anos, o Ilê mostrou-se como organização negra contemporânea, sem perder de vista as formas do viver negro no passado e as possibilidades do futuro.

Na sua trajetória, a organização que é o Ilê, com o corpo, pelo gesto, pelo canto, pela dança, pelo trabalho comunitário, conquistou espaços, percebeu brechas e fez valer a historicidade do negro.

Como as organizações do passado -de resistência e convivência - o Ilê na sua caminhada,



perseguido um “trabalho de auto-estima negra, através do passado ancestral, da análise do cotidiano e do estímulo a um projeto transformador”, percebeu que a vivência negra no Brasil se deu tanto pela via do conflito como pela via da negociação. As nações de candomblé, os capoeiras, os quilombos, as irmandades de negros e mestiços, as sociedades de auxílio, os grupos político-culturais e recreativos tiveram a argúcia de perceber os possíveis encaminhamentos de sua luta.

UM POUCO DA HISTÓRIA

Os anos setenta indicam um novo comportamento da juventude negra de Salvador.

Ela passa pela adoção de uma linguagem distintiva até a busca de “territorialização negra” para alguns espaços. É possível, neste momento, ouvir-se falar de uma “blackitude baiana” ou,

o que tem um alcance maior, de um processo de “reafricanização” de jovens negros baianos.

Em meados dos anos setenta, é possível notar uma nova realidade, ao mesmo tempo existencial e histórica: jovens negros buscam um nova postura do “Ser negro”. Desinibindo-se, criando ou recriando estética e culturalmente, inovando. Um inovar que se manifesta: no ver, no dizer, no ouvir, no cantar, no rimar, no vestir, no gesticular, no fazer. Em última análise, inovar na elaboração do construir o “Eu sou e daí?”

Pela primeira vez, contrariando padrões secularmente estabelecidos, ousou-se dizer que a “Bahia é negra” e, mais ainda, foi possível observar, com Caetano Veloso, “...os negros começaram a delinear a cara de Salvador e a afirmar que, com sua maioria populacional, sua cultura não pode ser admitida apenas ao nível do já cristalizado, como capoeira, maculelê, etc.”. Em verdade, os anos setenta trazem à luz que na realidade cultural de Salvador, mesmo nos limites traçados pela estrutura dominante racista, na sua condição de dominada mas resistente, a população negra, através de elementos de sobrevivência social, desenvolveu um sistema cultural próprio. Afirmando o *novo*, dos anos setenta em Salvador, a praça Castro Alves verá no carnaval de 1975, um bloco só de negros, “com roupas e cabelos estranhos”, que cantavam:

*“Que bloco é esse
que eu quero saber
é o mundo negro
que vamos mostrar pra você*

*Somos crioulo doido
somos bem legal
temos cabelo duro
somos black power*

*Branco se você soubesse
o valor que preto tem
tu tomava banho de pixe
ficava preto também*

*Eu não te ensino minha malandragem
nem tampouco minha filosofia
quem dá luz a cego
é bengala branca
e Santa Luzia*

(“Ilê Aiyê”, de Paulinho Camafeu)

O Bloco que surge na esteira da formação dos Estados Nacionais Africanos, da luta pelos direitos civis dos negros americanos, da “onda” do Black Rio, é responsável, por um novo “renascimento” negro-baiano e por isso o Ilê constitui também o resultado da emergência de “novas práticas e de novos discursos negros”, decorrentes das características do processo de modernização de Salvador.

O trajeto de vinte e um anos, mostra que o projeto de jovens negros do Curuzu, “entribados na Zorra”(*), tornou-se realidade.

* A Zorra foi um grupo de jovens do Curuzu que promovia atividades culturais e recreativas. Este grupo deu origem à diretoria do Ilê Aiyê.

O ESPAÇO DO ILÊ AIYÊ

O Ilê Aiyê nasce como construção social, como resposta de “jovens negros de batalha” (trampo), que gostavam de se divertir e que tinham acesso a formas de lazer dos “de qualidade”.



A entidade aparece em primeiro lugar, como a reivindicação do lazer. Em segundo, a idéia da “Zorra” era, em fazendo um bloco “só de negros”, aproveitar o “brincar” para fazer política e cultura: Que política? Que cultura? Política de “mostrar o que é ser negro” e “transformar nuguinhos em negão”. Cultura? “A da Senzala, que a Casa Grande diz que não tem”.

Partindo dos referenciais da “cultura de casa”, “brigar, brincando”, para afirmar uma (re)visão do *Eu negro*, para si mesmo e para os “tinta fraca”.

A construção social da entidade se faz através de uma prática de busca: primeiro, daqueles que se sentem negros; depois dos que precisam saber que são negros; em seguida dos que necessitam de um “empurrãozinho” para saber o “nível de melanina”. Embora se possa pensar que a construção é meramente epidérmica, ela tem, subjacentemente, a vinculação de uma “forma de ser” (entendida como cultura) com o tom da pele.

A afirmação da “consciência de ser negro” é o alicerce da formação do espaço Ilê. E a consciência de “ser negro”, passaria por uma busca de historicidade para definir identidade e de (re)descoberta e valorização do “jeito negro de ser”. O Ilê inova a partir do antigo para elaborar o *Eu sou...* O invocar é expressado no vestir, no pentear, no “ver o mundo” (branco e negro), no rezar, no dizer, no gesticular, no fazer.

Toda essa invocação passa pela idéia do “Eu me gostar”, apesar de trabalharem sempre no sentido de “que eu não me gosto”.

Quando a Zorra criou a vertente baiana do black, fez a transição no Brasil - do black para o afro - propôs um novo tipo de comprometimento. A turma que “sabia o que queria”, “os cabeças feita” propunham uma demonstração efetiva e continuada de que o “mundo negro existia”, na sociedade baiana que se pensava branca.

O Ilê quando faz da “Senzala do Barro Preto” o “piso da negritude”, inaugura um “espaço socialmente construído” onde, com as bênçãos dos Orixás - intermediados por Mãe Hilda - ocorresse um trabalho político educacional consciente que trabalhasse a auto-estima negra através da valorização do seu passado ancestral, da análise do seu cotidiano e estimulando um projeto transformador.

Nesses 21 anos de Ilê, a “Senzala do Barro Preto” não tem feito outra coisa. As evidências estão aí para quem quiser ter olhos de enxergar...

FUNDADORES DO ILÊ

A Zorra era um grupo “que sabia o que queria” e ele faz com consciência a passagem do “black” para o “afro”. O bloco foi pensado como “coisa de negro” e como nativos africanos. Portanto, do estético-lúdico ele nasce com um projeto político: a valorização do negro e afirmação de identidade. Projeto que sabia-se, passava pela busca de historicidade.

Em 1º de novembro de 1974 o Ilê Aiyê estava fundado, uma proposta nova para o carnaval baiano porém, mais do que isso, dentro do quadro baiano e nacional: um dado novo na história do negro.

Apesar da “turma que sabe o que quer” é difícil admitir que Vovô, Apolônio, Macalé, Jailson, Aliomar tivessem o alcance do significado que o Ilê viria a ter na comunidade do Curuzu, no plano nacional e internacional. Talvez só Mãe Hilda, guardiã dos segredos dos Orixás em convivência cotidiana com Eles, pudesse antever a trajetória cantada “nos dezoito anos de glória”...

Depoimentos sobre o Ilê afirmam que o que o Ilê se impôs foi *apropriar-se popularmente da história africana para trabalhar a construção da história do negro no Brasil*. Se a produção acadêmica do saber historiográfico não o faz, se a escola reproduz e perpetua a negação ao negro de sua historicidade, o Ilê assume o trabalho. Neste sentido, o Ilê abriu caminho para que organizações similares atuassem de forma semelhante.

O Ilê assumido negro, se propôs a produzir conhecimento, transmitir valores, a trabalhar a auto-estima negra. Convém ressaltar que toda a atividade do Ilê deve ter a tônica do “pra cima”. A negritude “dolorosa” e de “amargor do chicote” não encontra ressonância entre os negros felizes do Ilê Aiyê.

Propondo seu trabalho político-educacional consciente, o Ilê o faz através de seleção temática da dança, da gestualidade, de códigos de linguagem. Ele permeia a transmissão do passado da ancestralidade africana com o contexto histórico-social do negro escravo no Brasil, com o cotidiano presente do negro baiano, além de trabalhar o caráter universal da questão negra.

O Ilê retoma todas as formas expressadas na evolução dos movimentos de renascimento negro-africano, negro-americano ou afro-americano, as decodifica para o contexto específico da realidade baiana, mas sem perder de vista: a relação de identificação entre todos “os negros que se querem negros”, de qualquer parte do mundo, ressaltando sempre o caráter comum da origem ancestral.

A Diretoria do Ilê ainda hoje afirma que o principal objetivo da organização é a “expansão da cultura de origem africana no Brasil” e tem perseguido este objetivo de formas várias. Além da presença marcante no carnaval, onde temática, fantasia, canção e danças tem como referência exclusiva o negro.



5. AS CANÇÕES DO ILÊ AIYÊ

PASSAGEM DO ILÊ AIYÊ

(Luiz Bacalhau - música campeã do Festival, categoria Poesia/95)

Larga tudo que está fazendo
Sinhô e Sinhá

Pois já é boca da noite
É hora do Ilê passar

Sinhô vai limpar a moenda
Que é pra noutro dia trabalhar
Sinhá tira a panela do fogo
Que é pra não embolar o açaçá
Arruma o torço do cabelo
Sacode esta saia que está de fubá

Pois já é boca da noite
É hora do Ilê passar

África, Bahia, Liberdade, Curuzu
Venho do Barro Vermelho
Sou Ilê Aiyê, sou negro tu
Vem pra cá crioula,
Vem correndo me abraçar

Pois já é boca da noite
É hora do Ilê passar

Quem ama o Ilê
Bota a cadeira na varanda
Começa a cantar ciranda
Esquece que o dia vai raiar
Ao longo da avenida, o coral anuncia
Como é linda a harmonia
Dos negros bonitos, a cantarolar

Pois já é boca da noite
É hora do Ilê passar.

ILÊ É ÍMPAR

(De Aloísio Menezes e Alberto Pita
música campeã do Festival, categoria Tema/95)

Minha nação é Ilê
Minha epiderme é negra
Tenho vinte e um, sou maior de idade
Lindo é subir o Curuzu
Difícil é chegar na cidade.

Sensual feminina com a pele divina
E bem faz ao ditado merecer
Aquele moça da praça, ainda espera pelo Ilê
E continua com graça até o dia amanhecer
3 x 7, de glória, seu nome na história
Resultado ímpar vinte e um
Ímpar é o Ilê, vinte e um fundamento de Ogum.

Nem quero nem saber
Se o fogo do Dragão
Acendeu o cachimbo do Saci
Eu estou pro Ilê, como a costa está para o Marfim
Ilê Vinte e Um
Ilê Fundamento de Ogum
Ilê Vinte e Um
Ilê, Quilombo é Curuzu.

NEGRA TENTAÇÃO

(Carlão e Suka)

Foi em 1974. Se lembra Pretinha?
Nós dois éramos apenas namorados
Apaixonados cheios de prazer
Quando eu vi o Ilê passar por mim
Cantando assim:
Que Bloco é esse?
Que Bloco é esse?
Que Bloco é esse? Que eu quero saber,
mamãe Nanã

Sem querer apertei a sua mão
E com o peito cheio de emoção, gritei:
Oh! que mundo lindo. Negro, Negro
Descobri a força e o poder
Comecei a desenvolver
e daí tudo melhorou

Se não fosse Ilê Aiyê
Ah, Ah, Ai, Ai, Ai
És minha tentação negra
Vem me abraçar com seu tom sutil encantar
Ai, ai, oi, oi, oi. Vem me apaixonar

Suinga, balance esse corpo, seu moço
Não seja inibido, nessa passarela negra
Ilê Aiyê Curuzu
Tem gente que vem na paleta,
Carona, de pé no buzu
Só pra ver esse corpo transado
Menina hum, hum, hum.

Ai, ai, oi, oi, oi, oi, vem me apaixonar
Ai, ai, Pretinha como eu te amo
Ai, ai Preta; Pretinha ai, ai.

ENTRE LAÇOS DA VIDA

(Valmir Brito - Rui Poetta - Marcos Alaçim)

No compasso da vida
Tem um canto pra se libertar
No Ilê Aiyê estar
Com Ilê Aiyê eu vou
Dá a volta por cima
Isso o tempo não pode negar
No Ilê Aiyê estar
Com Ilê Aiyê eu vou.

Vou lembrar, mas não ficar
No que passou
Dê a volta por cima
Não sangue a ferida
Voltando a se escravizar
Transformar seu passado
Em poesia, diante dessa melodia
O Ilê convoca o seu povo
Liberal pra vencer

Vou no pulsar da consciência
Numa nova resistência
Recordar é viver
Sábado a noite no Ilê
E entre laços e magia
Mais amado o amor dizia
De tanto prazer
Na liberdade Curuzu Aiyê.

Ilê líder dessa região
Livrai-me dessa escravidão mental Refrão
Faz do meu canto mundial
Olha ai que legal.

Ilê líder dessa região
Livrai-me dessa escravidão mental
Faz do negro fenomenal.

O CHARME DA LIBERDADE

(Adailton e Valter)

Não me pegue não
 Me deixe à vontade
 Deixe eu curtir o Ilê
 O charme da Liberdade

Quem não curte não sabe
 O que está perdendo
 É tanta felicidade
 Que o Ilê Aiyê vem trazendo
 Dezoito anos de glória
 Não são dezoito dias
 Nesta linda trajetória
 Do carnaval da Bahia

É tão hipnotizante
 O swingue desta banda
 Oh! minha beleza negra
 Aqui é você quem manda
 Vai exalar seu charme
 Para o mundo ver
 E provar que você
 É a Deusa negra do Ilê

É sábado de carnaval
 Que tremendo zum zum zum
 Ele está se preparando
 Pra subir o Curuzu
 Quem não aguenta chora
 De tanta emoção
 Deus teve o imenso prazer
 De criar esta perfeição.

ENCANTERÊ

(Guiguiu)

Ei não não, não me deixe aqui
 Me leva com você, meninos da Banderê
 Ei não não, não

Esse jeito bonito de crescer
 Esse toque levado de swingar
 Miniatura tu és meu bem querer
 Me fascina e me leva a cantar
 Ei não não, não

O estudo é a glória pra você
 O repique e o surdo é o seu prazer
 Amanhã tu serás homem feliz
 Pois você é o futuro do Ilê
 Ei não não, não

Não se avexe menino eu sou você
 Que encanta e recanta o viver
 Garotada travessa vim te ver
 Oh meus negros bonitos da Banderê.

AOS DEZENOVE REMOS

(Gílson Nascimento)

És clarão da escuridão
 Ilê Aiyê
 Sustentas teu lume no tempo
 E atrairás
 Paixões de mais lutar
 Ânsia de acender
 Todo o acesso do negro
 Se em tua história confirmas
 Palavras e gestos eu vou
 A trilha é um sol
 Crianças precisam de horizontes
 Se no transcurso da teima
 Direcionas bem mais
 Que aos carnavais
 Reluz, então
 Já tens dezenove remos
 Avanças tua barca nas águas
 Nação Ilê
 Não há que temeres subir
 As ladeiras desse mar
 Avanças tua barca nas águas
 Nação Ilê
 Teu mar de verdades
 Já podes navegar

ILÊ DE LUZ

(Suka)

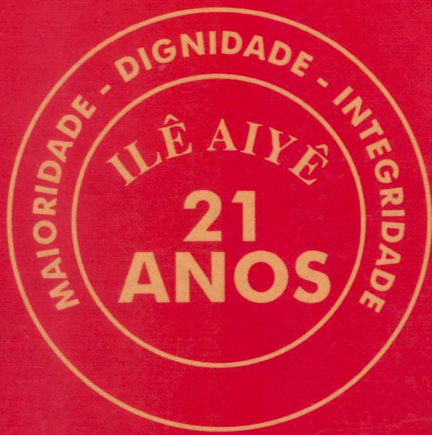
Me diz que sou ridículo,
 Nos teus olhos sou mal visto,
 Diz até tenho má índole,
 Mas no fundo
 Tu me achas bonito, lindo!
 Ilê Aiyê

Negro é sempre vilão
 Até, meu bem, provar que não.
 É racismo meu? Não.

Todo mundo é negro,
 De verdade é tão escuro,
 Que percebo a menor claridade.
 E se eu tiver barreiras?
 Pulo, não me iludo não,
 "Com essa" de classe do mundo,
 Sou um filho do mundo,
 Um ser vivo de luz.
 Ilê de luz!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANÁLISE E DADOS. *O NEGRO*. da CEI: "O Olhar Negro" de Pierre Verger; "Mãe Stela: Sacerdotisa e Guardiã do Candomblé na Bahia" (Entrevista), e outros artigos. vol. 3, nº 4, Salvador, março/1994.
- BRAGA, Júlio. *Sociedade Protetora dos Desvalidos - Uma Irmandade de Cor*; Salvador, Ianamá, 1987.
- BACELAR, Jeferson. "A Frente Negra de Salvador"; in *A luta na Liberdade: Negros e Brancos em Salvador - 1889 - 1950*, Salvador, 1994.
- CARNEIRO, Edson. *Candomblé da Bahia*; Ediouro, s/d.
- FREITAS, Décio. *Palmares, a guerra dos escravos*; São Paulo, 3ª edição, Rio de Janeiro, 1978.
- ILÊ AIYÊ. "Uma Nação Africana Chamada Bahia"; Salvador, 1993.
- MOURA, Clóvis. *Sociologia do Negro Brasileiro*; São Paulo, Ed. Ática, 1988.
- NERY, Eugênia Lúcia V. A "Territorialização de um espaço negro em Salvador: A "Senzala do Barro Preto"; Salvador, 1993.
- _____ A "Africanidade" Baiana: Uma (re)construção historiográfica; Salvador, 1993.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *Zumbi*; São Paulo, Ed. Moderna, 1992.



APOIO:

FUNDAÇÃO
EMÍLIO ODEBRECHT - FEO

